



EXPEDIENTE:

A Arcádia - Jornal de história
Publicação Mensal - Ano IV, N° 37
Redatores: Rau Ferreira/Hauane/Heloise
Contato: historiaesperancense@gmail.com
Aceita-se produção textual e contribuições:



MANIFESTO DE 1883

Trazia o jornal “O Conservador”, em sua edição nº 199, de 10 de outubro de 1883, um manifesto contra a autoridade policial de Banabuyé. A publicação de uma carta contra o Sr. Manoel de Barros Bandeira, subdelegado daquele distrito.

O escrito taxava de calunioso pelo diário opositor (O Liberal) dispensava qualquer impugnação, dada as assertivas fantasiosos do seu autor. Afirmava que o Sr. Bandeira era muito conhecido em todo o distrito e região pelas suas qualidades, inclusive na Província onde gozava de bons relacionamentos.

QUEM ERA SOL NA FACULDADE

Dizem que o homem é produto do meio; e que segundo o ambiente assumimos várias personalidades.

No seio social somos um, na família afrouxamos o nó da gravata para demonstrar um outro eu. E assim vamos nos adaptando, desde a invenção da roda, num movimento que o vate esperancense denominou de “Evolucionismo”.

Para Firmino Pires de Melo – seu colega de turma – era o “Batel” (do latim *battelum* ou conforme o francês *bateau*), espécie de embarcação maior entre as menores, talvez denotando que, entre os estudantes, fosse Olavo o seu expoente.

Firmino ainda acentua, em poema dedicado ao amigo, na sua primeira estrofe:

“Qual gondola gentil, que não temendo a Morte,
Igotamente singra os Mares noite e dia,
Também no mar da vida, o meu batel sem norte,
Singrando passa e vai por entre a penedia...”

O autor da missiva confessa-se “amigo de José Lopes”, que segundo se dizia, não era digno de honra. Em defesa do subdelegado, encerrava o Sr. Justus que tais fatos já eram de conhecimento da comarca, onde se mandarão ouvir as pessoas para apurar tais infames.

O Distrito de Banabuyé, criado pela Portaria nº 344-B de 21 de março de 1872, principiava “*da estrada de Pocinhos até confinar com o termo d’Areia pelo lado Norte; pelo lado poente até o termo de Campina Grande; pelo nascente até onde divide com o 1º distrito (Alagoa Nova)*”, que por sua vez pertencia ao Juízo Municipal de Alagoa Nova (Decreto nº 5.382/1873) da Comarca de Areia.

Pedro Calmon o tinha como um poeta inspirado, “cujos versos, n’A Época, o elevavam aos cimos do Parnaso...”.

Já Oswaldo do Rego Monteiro via nele “*fragilidade*”, poema dedicado n’A Época que encerra com o seguinte terceto:

“*Entre visões da Colchida e do Ophir
Ele, por não saber o que pedir,
Num abismo do Nada se abateu*”.

Essa “fragilidade” podia ser vista nos versos de Cysnes, a maioria invocando o amor inatingível.

É cediço que Silvino fora impedido por sua mãe de namorar uma jovem de sua terra natal, cujas famílias eram rivais na política, protagonizando assim o conto Shekespeariano, razão pela qual se mortificava em rimas.

Por esse mesmo tempo, o próprio Silvino declarava: “*Fui, outrora, zagal do firmamento*”.

Era bom aluno, o orador da turma, em todas as ocasiões, denotando o saber: poeta e intelectual.

Poesia e arte.....

Ovelhinha tresmalhada*

*Fui, outrora, zagal do firmamento
Onde pairam, fulgindo, as nebulosas;
E foram as estrelas luminosas
Meu rebanho de luz e encantamento.*

*Orvalhava-me a flor do sentimento
Tenra ovelha, primeira entre as formosas,
Que me seguia nas manhãs radiosas,
Pelos campos azuis do firmamento.*

*Mas, esta que o rebanho resumia,
Por se fazer mulher aqui na terra,
Fugiu-me do redil um certo dia...
E desde então minh'alma transmigrada
Do sideral, no baixo-mundo erra
Atrás dessa ovelhinha tresmalhada*

Silvino Olavo

* A ÉPOCA, Revista. Ano XVIII, Nº 113. Junho. Rio de Janeiro/RJ; 1923.

JUNHO!

*Quando eu era criança, por estes dias alegres
de Junho... Quantas saudades... A fogueira
elevava ás estrelas a sua chama bem-dita...
Fogos de estoiro pela rua... A canjica...
E Ella mais criança do que eu... Passou-se.
Já lá se vae tanto tempo... Ella, de olhos baixos
- "Bom dia, João!" E na sua inocência doce,
me enlaçava com um lacinho de fita!
Depois
nós dois
bem juntinhos, lá íamos
ao altar de flores da capela e sorriamos
para aquele rapazinho que trazia no ombro
uma ovelhinha de neve... que vestido de peles,
só cobria o peito, só vestia as ancas...
Junho! mês de saudades e dias meigos...
Nós dois, bem juntinhos, rezávamos
Senhor S. João de olhos negros...
Pastorzinho de ovelhas brancas e almas brancas...*

João da Retreta/SOL

A Arcádia - Órgão de história

Tempos pra amar

Ler...

Reler...

Aprender...

Tanto por fazer
e nada tempo dá.

Tempo. Tempo.

O que fazer?

O que me dá?

Dá-me tempo pra vida
Dá-me tempo pra amar!

Rau Ferreira

Passe e ame a praça

(I - De Janeiro a 'Desembro')



**Não tenho pressa, passo na praça
Ponho um pé na ponta da calçada
O outro não quer seguir, sair não sei
Se chego e fico, se saio, se estava,
sei que
Não tenho pressa.
Passos na praça em janeiro.
Não tenha pressa, passe na praça
Siga sobre as raízes,
superando as matizes
Alvirrubras, alvirverdes, sem
cor – emoção
Diga sua cor, sua dor, seu pavor com o
descaso
E descalço, sem pressa,
passeie na praça.
Agora tenho pressa, passo na praça.
Tenhas pressa também.
Convém lembrar
Do que não sei dizer
de cor – razão ou coração
Da mística da praça que nos
entrelaçacolhe no frio
Sim, temos pressa, praceamos até
'desembro'.**

Evaldo Brasil

O EXÉRCITO DE UM HOMEM SÓ

Uma sexta-feira que não era treze, era a primeira daquele mês. Acordara bem cedo, como toda vez; e toda vez levantara o José, como na música do Buarque. E foi à rua trabalhar, segundo o seu ofício: mão em mãos, comando aqui... presença acolá; vai não vais, e os detentos em desvários.

Chegou ao termo. Foi prá Campina, e na Campina não podia ser diferente: rua acima, rua abaixo. Vais não vais?? E fomos todos nós, detentos por um momento pra descobrir que nem sempre há justiça e quem não fala não houve o “sim, senhor”. Chegou ao fim, voltamos prá casa.

Mas antes, porém, entretanto e toda a dúvida... ficou a Academia atrasada e um mistério, grandeza que se sabe a memória distorcida... mas foi adiada a dia e dia e nada!! Nada mesmo!!

Mas as coisas são assim, e quem somos nós para ir contra o Destino. Outrora fui contra o tempo, mas temo que o tempo agora é contra mim, pois já me chega as dores dos “enta”.

Chegastes?? Cheguei e foi aquele corre-corre. Menino prá cá, menina prá lá e “não quero chegar atrasado”. Um cochilo leve e um café, olhe que o gás vai acabar. Greve de novo!! Não mais.

Menino prá cá, menina prá lá. Não devo chegar atrasado. Fila do gás o povo assustado: greve de novo?! Não mais. E os detentos em desvários... Também fiquei detento na fila, minha filha.

A janta foi e se foi tão rápido. Banho no menino, brincadeiras de fim-de-noite e a arca velha preparar para um bom debate. Quem vai ler?? Não sei. A carta quem será??

A Praça d’oevaldo é PROTESTO de ’93... dizia ele, e me disse um dia n’Areia: “É poste de bandeira e de luz vermelha, espelha/ O protesto em defesa da praça”. Ora, até o

Raimundo foi protestar. E o Antônio também, com saco nos pés e tudo o mais. Sem comentários.

E veio o S. João com carneirinho. Ah lindo S. João. Ah a molecada. Ah a menina, o santo e suas ancas nuas. Os dois a rezar. Juntinhos. O pastorzinho a observar. Coisas de criança. Brincadeiras pueris. Brinquei um dia, não brinco mais com coisa séria. Quero relaxar, dormir e me aposentar. E os detentos, em desvários. Mais um livro pra editar. Quem via, não vê mais. E quem vai comprar, apenas a Graça me dá o ar de sua graça, com presentes de amigos. Obrigado amiga, para você me dou de graça!! O resto que espere a conta, que sempre vem no último do mês. Terminei a retreta e o João não veio?? João? Tu vem? Não, apenas a retreta. Ah todo mundo passa, só ela não passa... sem graça de novo, que crueldade. João – outra pessoa – e Dantas, e Anái-de (no dizer de Américo, tônico) e eu só. Exército de um homem só.



??

??